

Operação Condor no Uruguai

André Luis de Sousa
Graduação em História

Resumo

Minha intenção neste trabalho é mostrar a participação do Uruguai em um dos acontecimentos mais importantes das instâncias de colaboração entre forças repressivas do Cone Sul (Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai), a Operação Condor. Demonstrar como essas ações foram tomadas(perseguições, torturas, assassinatos, seqüestros), o grau que essas ações atingiram, como até mesmo depois da deposição das ditaduras ela se manteve como instancia de defesa dos torturadores e a participação dos EUA através da CIA e de seus diplomatas na coordenação dessas ações nos países do Cone Sul, em especial no Uruguai.

Palavras-chave: Uruguai, Cone Sul, Operação Condor, Repressão

Introdução

O Uruguai foi um dos últimos países a implementar uma ditadura na América Latina, porém mesmo quando ainda era uma democracia mantinha vigilância e troca de prisioneiros clandestinos com ditaduras já implantadas. Como um dos países símbolos da democracia na América Latina foi parar em um processo de instabilidade que levaram ao golpe? Qual sua participação na OC(Operação Condor)? E em que os EUA influenciaram na criação e na instalação da OC no Uruguai? Essas são algumas questões levantadas nesse artigo que tem como objetivo discutir a participação do Uruguai na OC.

A Operação Condor foi um mecanismo de articulação subterrânea do terror de Estado existente no Cone Sul, remetendo a internacionalização do mesmo, do extermínio e da impunidade dos regimes militares e seus sistemas de sustentação. Ele começou a ser colocado em prática oficialmente em março de 1975, quando autoridades policiais do Cone Sul se reuniram no Chile.

Apesar de oficialmente a OC só ter começado em 75, as perseguições e os seqüestros de refugiados há muito já eram praticados. Os EUA já vinham treinando os

golpistas a muito tempo, além de financiar jornais e de promover a instabilidade nesses países.

Uruguai

Em meados do século XX, o Uruguai que era conhecido como a “Suíza de América”, vivia com uma boa condução das relações sociais, graças ao estado de “bem-estar”, herança batista¹. Contudo devido a crise econômica dos anos de 1960, houve uma vertiginosa queda dos níveis de vida, expôs feridas cuidadosamente cobertas pelo “bem-estar” conciliatório.

Com o surgimento de grupos de luta armada, sendo o MLN-T(Movimento de Libertación Nacional-Tupamaros)² um dos maiores da América latina. Assim que assumiu o poder, em 1967, Jorge Pacheco Areco, valeu-se de várias medidas para colocar o executivo no centro das decisões, através de MPS(medidas prontas de segurança), abria-se caminhos para uma série de desmandos, como a suspensão dos *habeas corpus*, invasão de domicílios, prisões arbitrárias, censura nos meios de comunicação. Também através das MPS, Pacheco Areco estendeu aos civis, a jurisdição militar, efetivando de vez as forças armadas, especialmente o exército, na vida política do Uruguai.

Em 1971 foi eleito Juan Maria Bordaberry, apesar de ter recebido apenas 22% dos votos. Em pouco mais de um ano, a democracia seria substituída por um regime militar.

Com a desculpa de combater esses “grupos subversivos”, o governo do Uruguai toma medidas, em uma nova constituição fortalece o poder executivo diante dos demais poderes, o “Estado de Guerra Interna” legitimada pelo parlamento(abril de 1972) dava mais poder ao exército. Em realidade, a sociedade uruguaia, quase como um todo tornou-se refém desse sistema:

Todos estábamos fichados, clasificados y vigilados. Um “Certificado de Fe Democrática” conseguido según la categoría o casillero en que uno estaba, regía los destinos de esa persona para conseguir empleo o perderlo, salir o entrar em el país, tener más o menos vigilada su vida [...]. Todos los uruguayos fuimos sometidos al doloroso sentimiento de estar impotentes e inermes ante una voluntad despótica y sin control. [...] Esa fue nuestra guerra [...]. Una guerra no documentada, sin discriminar enemigos, em la confundían

com los actos de servicio, La defensa de La seguridad nacional y el patriotsmo.³

A alegação dessas medidas era que eram imprescindíveis para combater a ameaça Tupamara, alegação essas inverídicas já que a guerrilha, militarmente, já estava praticamente derrotada. Com o crescente poder das forças armadas, é nomeado para o ministério da defesa o General Francese, ele tinha recebido de Bordaberry a missão de “frenar a los militares”. O exército e a aeronáutica exigiram a sua renúncia e negaram-se obedecer suas ordens.

Sem apoio político e sem apoio militar, restava apelar para o povo, Bordaberry conclamou a população a defender as instituições, porem menos de cem pessoas ouviram seu chamado e apresentaram-se na Plaza Independência. A única coisa que restava ao presidente era um acordo com os militares. Em 13 de fevereiro, concretizava-se a co-participação dos militares na condução da vida política do país, a criação do Consejo de Seguridad Nacional(COSENSA) teria como objetivo assessorar o presidente na criação de medidas de manutenção da segurança.

Apesar de controlada a guerrilha, o pretexto do “inimigo interno” ainda era válido para justificar propostas como a lei do Estado *peligroso*, um projeto de consolidação da paz que, no entanto, era marcado por profundos traços repressivos.

A cena final para o golpe seria o pedido de cassação do senador Enrique Erro, da frente Ampla. A rejeição do pedido provocou reação imediata. Considerando a não cassação como provocação subversiva. O poder executivo decretou a dissolução da câmara no dia 27 de junho de 1973 e a substituiu por um conselho de estado.

Operação Condor

Operación Cóndor, significa “continentalización” de las acciones terroristas que se manejan desde Washington. [...] “El cóndor’ em este caso, cumple La función de ave de rapiña. La colaboración entre los servicios secretos de las dictaduras latinoamericanas dio a luz a esta ave de rapiña. En un principio colaboraron entre si solo algunos regímenes dictatoriales, hoy se habla ya de una organización genaral para todo El hemisfério occidental, que actúa bajo La égida de La CIA.⁴

Já o professor Martín Almada, ex-presos político da ditadura paraguaia e descobridor dos arquivos da polícia política de Stroessner (“Arquivos do Horror”), com importante documentação sobre o operativo internacional, define a Operação Condor nos seguintes termos:

Se trata de una siniestra red de la muerte concebida por el general chileno Pinochet y aplicada por su inmediato inferior, general Manuel Contreras en la década del 70. Inicialmente, fue para neutralizar a los enemigos del regimen golpista militar. Dado el éxito de dicho plan estratégico militar que conto con el decidido apoyo de Herry Kissinger, Secretario de Estado y del general Vernon Walter, Director Adjunto de la CIA, se amplió la red contra todos los enemigos de la “civilización occidental y cristãna”⁵

È paradoxal que essa articulação repressiva tenha se apropriado da imagem do condor, ave de rapina da América do Sul, símbolo de resistência de uma identidade latino-americana, presente em canções e poemas, colocada muitas vezes como contra ponto da águia “estadunidense”.

A prática repressiva acabou reforçando as características predatórias do condor, a longa envergadura de suas asas, das quais nenhuma presa parece estar suficientemente distante para sentir-se seguro do seu arrasador ataque.

Desde 1973, circulavam informações de que algumas organizações latino-americanas estavam se articulando em um esforço para coordenar ações conjuntas. Denominada *Junta Coordinadora Revolucionaria(JCR)*, era integrada pelos Tupamaros, o argentino *Ejército Revolucionário Del Pueblo(ERP)*, Pelo chileno *Movimiento de Izquierda Revolucionaria(MIR)* e pelo boliviano *Ejército de Libertación Nacional*. É bem verdade que essa articulação nunca chegou a agir plenamente, e sua existência foi muito bem utilizada como argumento para organização da Operação Condor.

“Nos dias de hoje ficam aí falando da Célebre “Operação Condor”. Sempre digo, é uma lei antiga, de física, que “a toda ação corresponde uma reação igual em sentido contrario”[...]. Se a orientação e o apoio dessas operações vinham de fora – vinham da Rússia e da China, via Cuba ou Uruguai – enfim, era um movimento internacional integrado, o que há de estranho no fato de o

Cone Sul se reunir para colocar um “basta” a isso, com troca de informações, já que todos eram atingidos? Então, isso é um verdadeiro absurdo, é um desses outros clichês que a mídia cria para nos ofender, até hoje, sem nenhuma razão.”⁶

Em 1975 ocorreu em Santiago do Chile a primeira Reunião Interamericana de Inteligência Nacional, onde compareceram delegações da Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai; o Brasil mandou uma delegação em qualidade de observadora (integraria a Operação somente em 1976). No entanto foi proposto a criação de um banco de dados comum sobre os indivíduos e organizações vinculadas a esquemas de resistência as ditaduras. Esse esquema deveria ser financiado, alimentado e gerenciado pelos serviços de seguranças dos países interessados. O nome condor foi sugerido pela delegação uruguaia como homenagem ao país anfitrião.

Estavam estabelecidos os objetivos da Operação Condor: coordenação, cooperação e aprofundamento do combate anti-subversivo; levantamento, intercâmbio e armazenamento de informações e inteligência sobre atividades dos “inimigos internos”; deslocamento clandestino de agentes e realização de operações conjuntas contra elementos “terroristas” nos países membros; formação de equipes especiais dos países membros para viajar para qualquer país não-membro a fim de realizar ações, inclusive assassinatos, contra “terroristas” dos países membros da OC, obter cobertura e cooperação internacional para atingir opositores refugiados além fronteira; manutenção de troca de informações e inteligência; intensificação das medidas de segurança nas fronteiras; propiciar interrogatórios conjuntos aos presos.

Para realizar as operações de encobrimento com maior eficiência, foram criadas empresas fantasmas ou foram instrumentalizadas algumas estatais para garantir a clandestinidade das ações. A documentação conhecida sobre o “Condor” registra que por exemplo, o Chile e o Paraguai tiveram a sua disposição as linhas aéreas estatais (LANCHILE e Lineas Aéreas Paraguayas, respectivamente), o serviço de correio e a infra-estrutura das respectivas chancelarias. Sabe-se que no Chile foram criadas mais de trinta empresas fantasmas que foram colocadas a disposição das necessidades operativas e de cobertura da DINA (Dirección de Inteligência Nacional – CH). A disponibilização de recursos econômicos e financeiros visou sentar as bases para criar mecanismos de proteção aos agentes secretos.

Estaban Cuyas informa que o objetivo era o de construir uma estrutura como a nazista ODESSA. Em 1992, segundo ele, foi descoberta, no Chile, uma confraria denominada *Sociedad Benefactora*. A mesma integrada por oficiais e agentes de inteligência militar e havia sido criada para servir d proteção para aqueles e seus familiares, em situação de premência, como no caso de pressão judicial ou denúncias publicas incontornáveis. Assim, a confraria facilitava a rápida obtenção de documentos(carteira de identidade, passaportes, vistos de residência em outros países), transferências de recursos financeiros, disponibilização de rotas de fuga, reconversão de identidades, etc. O responsável pela mesma era o general Vicente Rodrigues.⁷

Dessa forma, a OC passou a ser expressão da “continentalização” do Terror de Estado, constituindo-se num esquema encoberto pela CIA, sustentado na colaboração direta entre os serviços secretos dos regimes militares.

Operação Condor no Uruguai

[...] debimos derramar la sangre de muchas vidas para salvar la eficacia y AL esencia misma de la pátria, cuando se pretendía su destrucción por la acción de unos pocos la complacência de otros la ignorancia e irresponsabilidad de algunos y la inacción de la gran mayoría.⁸

A troca de informações entre os países do Cone Sul e a perseguição aos ditos subversivos ocorreram antes mesmo da implementação da OC. Em 1974, foi assassinado o Coronel Ramón Trabal, militar uruguaio em Paris, militar considerado pouco confiável pelo núcleo duro do sistema. A versão oficial do assassinato de Trabal fala que ele foi vítima de uma desconhecida Brigada Internacional Raul Sendic. O MLN negou qualquer participação no caso, e nunca se encontrou evidências de que a autoria fosse de algum movimento de esquerda. Tudo indica que o assassinato de Trabal tenha sido encomendado pelos militares uruguaiois. Com o objetivo de convencer a população de que o assassinato de Trabal estava ligado a MLN, no dia seguinte o governo apresentou os cadáveres de cinco membros da guerrilha que haviam desaparecidos um mês antes na Argentina.

Os principais arquivos divulgados sobre a Operação Condor foram encontrados no Paraguai (Arquivo do Horror), em 1992. permitiu verificar as conexões entre os países de região na grande operação repressiva.

No final de 1992, no Paraguai, o professor e ex-presos político Martín Almada, acompanhado de representantes do poder judiciário, encontrou em Lambaré, subúrbio de Assunção, um enorme arquivo policial com documentos sobre a repressão no tempo da ditadura Stroessner, assim como informações das outras ditaduras do Cone Sul e da cooperação norte-americana com as mesmas. Segundo a jornalista Stella Calloni, o arquivo possui cerca de 700 mil folhas referentes à atuação da ditadura Stroessner, 740 livros encadernados e classificados, 115 livros de *Novedades de Guardiã*, 204 caixas de papelão com documentos diversos, 574 pastas (com informações sobre partidos políticos, sindicatos, mapas, controles), duas mil carteiras de identidade e passaportes, imas 10 mil fotografias (de detidos, atos políticos, acontecimentos familiares, perseguições) e 543 fitas cassetes com gravações de palestras conferências, discursos, programas de rádio e “escutas” grampeadas.⁹

Entre os documentos encontrados no Arquivo do Horror, Foram encontrado solicitações do governo do Uruguai sobre refugiados no Paraguai, as fotografias dessas pessoas foram espalhadas por varias delegacias de policia.

No Uruguai, o organismo que centralizou as atividades do “condor” foi o *Organismo de Operaciones Antisubversivas*(OCOA). Comandado pelo major José Nino Gavazzo, a OCOA teve participação na eliminação de mais de 135 uruguaios refugiados na Argentina.

Mesmo apos o fim das ditaduras militares, o esquema Condor continuou agindo, isso foi confirmado quando desapareceu, no Uruguai, o químico e ex-agente da DINA (Dirección de Inteligência Nacional), Eugenio Berríos. De passado nebuloso Berríos havia trabalhado para as forças de segurança de Pinochet produzindo bombas e gás Sarin. Conhecedor de vários casos, quando foi chamado pela justiça, foi retirado as pressas do Chile em 1991. Berríos saiu do Chile com quatro passaportes diferentes (argentino, brasileiro, chileno e uruguaio), atravessou fronteiras sem ser incomodado e foi se instalar no Uruguai, onde percebeu que havia se tornado um incomodo “arquivo

vivo” de informações, passou a sentir-se ameaçado pela própria segurança que o protegia.

Em 1992, no pequeno balneário de Parque del Plara, tendo certeza de que Pinochet havia decretado sua execução, tentou fugir, porém, acabou seqüestrado numa ação que envolveu agentes do Chile e do Uruguai. Após seu desaparecimento criaram-se estratégias para demonstra que estava vivendo na Europa com identidade falsa. Porém em 1995 seus restos mortais foram encontrados em outro balneário perto da capital uruguaia. Em 1º de fevereiro, o jornal La República publicava um informe secreto das forças armadas chilenas encontradas no Uruguai com o carimbo do ministério da defesa local, onde falava que Berríos havia entrado no país no marcado compromisso “Pacto Condor Sul”.

O peculiar nesse caso é que ele aconteceu sete anos após p Uruguai ter recuperado a democracia e com Pinochet tendo saído do poder executivo do Chile. A repercussão na imprensa tornou publico a manutenção da rede de compromissos e de coordenação repressiva. No caso do Uruguai houve a participação direta de militares, que deram proteção, apoio logístico e cobertura ao comando chileno que cercou Berríos. Tal comportamento atestou a fragilidade da democracia existente diante de um poder militar paralelo e autônomo.

O papel dos Estados Unidos

Desde os anos 60 o pentágono e a Cia vem agindo na América para tentar acabar com a influencia da revolução cubana na região, através de um programa contra insurgentes. Há indícios de que em 1963 começaram a montar uma rde de produção e distribuição do drogas vinculadas a máfia com o intuito de criar uma fonte de financiamento para futuras ações de contra-insurgencia.

O papel desempenhado pelos EUA diante dos acontecimentos que afetaram a política interna uruguaia entre as décadas de 60 e 80 extrapolou amplamente os limites de mentor ideológico ou de sustentáculos político dos seus aliados. Dentro do contexto da guerra fria, os EUA proporcionaram instrução militar, orientação ideológica e ajuda material àqueles setores que consideravam os mais preparados para barrar a expansão insurgente na região. O uso deliberado

de programas de assistência, missões das agências de informações e missões diplomáticas foram uma constante no relacionamento estabelecido pela superpotência na procura de salvaguardas para seus interesses estratégicos e na sustentação e no fortalecimento da posição dos seus aliados . Segundo Clara Aldrighi, a orientação dos EUA foi no sentido de projetar três linhas de defesa contra o comunismo. A primeira, fortalecendo a polícia; a segunda, a união entre o esforço policial e o militar; e a terceira, diante do fracasso das anteriores, a intervenção direta das forças armadas para preservar a segurança nacional.¹⁰

Os EUA proporcionaram bases doutrinárias, financiamento (retirada da sua rede de produção e distribuição de drogas) e assistência técnica a estrutura estatal para enfrentar o desafio da contra insurgência. Propiciou encontro e intercambio entre funcionários de segurança argentinos e uruguaios para combinar estratégias de vigilância dos exilados políticos, intermediou reuniões entre dirigentes do esquadrão da morte brasileiros com autoridades policiais de países latinos e forneceu equipamentos de tortura elétrica e assessoria sobre a utilização desses equipamentos.

Para conhecer a ação das agências de inteligência dos EUA no Uruguai, as maiores fontes são os relatos de dois agentes que trabalharam dentro dessa estrutura, Philip Agee, que entre 1964 e 1967 esteve lotado na estação uruguaia e que desertaria anos depois, e Manuel Hevia, agente cubano infiltrado na “companhia”. As denúncias de Agee contribuíram para que fossem conhecidas as diretrizes gerais prioritárias da Cia, assim como sua metodologia de ação: 1) busca de informações sobre organizações comunistas (espionagem de embaixadas de países socialistas e infiltração de organizações políticas e sociais locais de esquerda e do exílio argentino e paraguaio); 2) conectar-se com serviços de segurança local (complementação da capacidade operativa da *Compañia*, intercâmbio de informação com a inteligência local, capacitação das forças de segurança local); 3) disseminação de propaganda pró-EUA e anticomunista (infiltração de organizações sociais, abertura de canais com imprensa).

È difícil medir a ajuda material que os EUA concederam aos seus aliados no Uruguai. Em todo caso a dados que mostram:

Entre 1946 y 1970 Uruguay recibió un promedio anual de 1.900.000 dólares a título de ayuda militar. A partir de 1971 y hasta 1975 ese promedio aumento a

5.600.000 dólares. Un incremento mayor había experimentado el rubro compra de material militar estadounidense – en general en condiciones “muy generosas”, que desde 1950 hasta 1969 había totalizado 2.800.000 dólares, y solo entre 1970 y 1972 acumuló 7.600.00 dólares. Para 1977 el gobierno uruguayo preveía solicitar 7.500.000 dólares como ayuda militar.¹¹

O grau de precisões das informações manejadas pelo governo dos EUA transparecem nos seus documentos internos como no memorando *South Americac* [sic] *Southern Cone Security Practices*, da embaixada de Buenos Aires ao Departamento de Estado (23/07/76). Neste substancial documento, confirma-se que os EUA estão cientes: da existência de um organização regional para eliminar exilados; da coordenação e intercâmbio de informação, da presença de forças de segurança chilenas e uruguaias na Argentina.

A participação do EUA foi fundamental para a implementação para a implementação e manutenção das ditaduras na América Latina, através de suas embaixadas e agentes infiltrados, financiaram a instabilidades dos governos democráticos, criando caminhos assim para os golpistas. Na OC não foi diferente, eles organizaram os encontros e treinaram os agentes que iriam perseguir, torturar e matar os refugiados.

Conclusão:

A democracia uruguia sofreu um acentuado processo de deterioração durante a década de 60, particularmente a partir da administração Pacheco Areco. A configuração de um quadro de autoritarismo foi o marco para enfrentar o descontentamento social crescente, resultante do esgotamento do modelo econômico que vigorou no país nas décadas precedentes.

Diante desse desafio, o governo respondeu com o endurecimento da ação policial e a utilização recorrente de instrumentos repressivos em detrimento da procura de diálogo e da negociação política.

A crescente militarização da América Latina resultou também da participação direta dos EUA. A participação das escolas militares estadunidenses em vez de tornar as forças de segurança locais mais humanizadas e respeitosas dos direitos humanos, Paradoxalmente, produziram um efeito oposto.

Com o advento dos golpes militares no Cone Sul, surge a necessidade de perseguir e eliminar a oposição “subversiva”. No Chile foram realizadas as primeiras reuniões do que seria mais tarde conhecida como Operação Condor.

No Uruguai troca de informações e de prisioneiros já eram realizadas antes mesmo do golpe, quando a operação Condor posta em prática ninguém mais poderia se considerar segura, atentados em países europeus e até mesmo dentro dos EUA, seqüestro de prisioneiros refugiados, mortes e desaparecimentos; a OC foi um importante sustentáculo para esses regimes.

Quando os governos do Cone Sul voltaram a ser democráticos a OC passa a ter outra função, ela passa a servir de cobertura para torturadores e militares que tomaram parte nas perseguições e desaparecimentos.

Hoje com o fortalecimento das democracias do Cone Sul, a pressão feita pela imprensa e pela população, ações estão sendo tomadas contra esses membros. No Uruguai o atual governo com o apoio de antigos líderes do MLN-T (que hoje são deputados e senadores), fez uma investigação histórica sobre sua ditadura, aos poucos a América Latina pune seus vilões, porém ainda a muito o que fazer, muitas pessoas continuam desaparecidas, muitas mães ainda não sabem onde estão seus filhos e a OC ainda está em prática protegendo membros das antigas ditaduras, sua missão agora não é de perseguir e matar opositores e sim garantir a impunidade de seus antigos membros.

¹ O colorado José Batte y Ordonéz esteve à frente da presidência da República do Uruguai entre 1903-1907 e 1911-1915. Nesse período, foi estabelecido o primeiro sistema de previdência da América Latina, bem como a nacionalização dos serviços públicos, regulamentação de aposentadorias e laicização do Estado, entre outras medidas. A administração de Batte y Ordonez fez do Uruguai uma nação avançada, muito semelhante aos países europeus em nível de qualidade de vida.

² O movimento dos cañeros revelou ao país as condições de extrema penúria a que eram submetidos os plantadores rurais cuja reivindicação maior era a reforma agrária. Seu líder Raúl Sendic, descrente da eficácia das ações de protesto, abraçou a guerrilha urbana como forma de luta, e deu origem ao que seria um dos maiores grupos de luta da América Latina: o Movimento de Libertación Nacional - tupamaros(MLN-T).

³ SERPAJ. **Uruguay Nunca Más**. Informe Sobre La Violación a los Derechos Humanos (1972-1985). Montevideo: SERPAJ, 1989. p. 7.

⁴ Volodia Teitelboim, apud CALLONI, S. **Los años Del lobo. Operación Cóndor**. Buenos Aires: Peña Lillo, Ediciones Continente, 1999. p. 22

⁵ ALMADA, Martín. Um sonho libertário que terminou em uma pesadella: El Operativo Cóndor. Palestra apresentada na mesa *Terror de Estado: alvos*,

seqüelas, impunidade. Ahistória bem contada. Organizada pela comissão do Arcevo da luta contra a Ditadura. II Fórum Social Mundial de Porto Alegre, 2002.

⁶ Merece registro o depoimento do ex-ministro de exército brasileiro durante o governo de Sarney (1985-1990), general Leônidas Pires Gonçalves, In: MOTTA, Aricildes de Morão (Coord. Geral). **1964-31 de março: o movimento revolucionário e a sua história.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2003. T. 1, p. 92.

⁷ CUYAS, Esteban. La Operación Cóndor: El terrorismo de Estado de Alcance Transnacional. KO'AGA ROÑE'ETA se. vii(1996) – <[HTTP://www.derechos.org/vii/1/cuyas.html](http://www.derechos.org/vii/1/cuyas.html)>

⁸ Cf. p. 800 noque concerne à nota 227. Também “El cóndor volvió abatir sus alas em el cementerio”. Amddrés Capelán /COMCOSUR. Rebelión, 16/09/02.

⁹ CALLONI, pó. Cit. Ver também: MARIANO, NILSONC. **Operación Cóndor. Terrorismo de Esrado em el Cone Sur.** Buenos Aires: Lohlé-Lumen 1998. BLIXEN, Samuel. **El vientre Del Achivo Del Terror Al caso Berríos.** Montevideo: Ediciones de Brecha, 1994.

¹⁰ ALDRIGHI, Clara. La injerencia de Estados Unidos en el proceso hacia el golpe de Estado. Informes de la misión de Seguridad Pública y la embajada em Montevideo(1968-1973). In: MARCHESI; MARKARIÀ; RICO; YAFFÉ. **El presente de la dictadura estádios y reflexiones a 30 años del golpe de Estado em Uruguay.** Montevideo: Trilce, 2004.p.35.

¹¹ AMORÍN, op. Cit. p. 78

Referências Bibliográficas

PRADROS, Enrique Serra. *Como el Uruguay no hay...* TERROR DE ESTADO E SEGURANÇA NACIONAL. Uruguai (1968-1958): do Pachecato à Ditadura Civil-militar; In www.dominipublico.com.br Dia 04/09/2008

CASSOL, Gissele. PRISÃO E TORTURA EM TERRA ESTRANGEIRA: A COLABORAÇÃO REPRESSIVA ENTRE BRASIL E URUGUAI (1964-1958); In www.dominipublico.com.br Dia 04/09/2008

MORAES, João Quarti. Liberalismo e Ditadura no Cone Sul

Inestigación Histórica sobre Detenidos Desaparecidos Em Cumplimento Del Artículo 4º de La ley Nº15.848; In www.presidencia.gub.uy Dia 20/08/2008

AMORÍN, Carlos. Sara y Simón; historia de um encuentro. Montevideo: Nordan Comunidad-Brecha, 2002

ABRAMOVICI, Pierre. O pesadelo da “operação condor”. **Le Monde Diplomatique**, Edição brasileira, nº 16, maio 2001

BAUER, Marcelo, BRENER, Jaime. A sombra do condor. **Isto É**, nº 1223. P.57, 10/03/93

A FACE BÉLICA DO TIO SAM. Lisboa: Edições Avante, 1987

ASTORI, Danilo et AL. **El Uruguay de la Dictadura (1973-1985)**.
Montevideo: Banda Oriental, 1996.

BARBOSA LIMA SOBRINHO. Rosto sem feições, figura sem nome. IN:
CABRAL, Reinaldo; LAPA, Ronaldo (org). **Desaparecidos políticos. Prisões,
seqüestros, assassinatos**. Rio de Janeiro: Edições Opção/ Comitê Brasileiro
pela Anistia, 1979.

BARRACLOUCH, Geoffrey. Introdução à história contemporânea. Rio de
Janeiro: Zahar, 1976